

A imitação de Cristo

Entre as joias da literatura cristã, *A imitação de Cristo* é, depois da Bíblia, o texto mais difundido e mais traduzido no mundo. Sua influência sobre várias gerações de cristãos, dos mais ilustres aos mais humildes, dos católicos aos protestantes, foi considerável, do século XV ao século XX. Classificada na categoria das obras espirituais, *A imitação* possui também um conteúdo teológico de elevado alcance. Quatro tratados, redigidos em latim e diferentes um do outro, são agrupados sob o título celebrizado, proveniente das primeiras linhas da obra. Florilégio de pensamentos, cada um deles dotado da sua unidade redacional, foram incontestavelmente produzidos pelo mesmo autor, que permaneceu no anonimato. Nada em seu conteúdo permite identificar esse religioso, no mínimo discreto, que relata suas experiências pessoais tendo em vista fazer seus semelhantes progredirem na descoberta de Deus e na aquisição da paz interior.

Muito crítico em relação à teologia praticada nas universidades, mas igualmente irritado pelos excessos das devoções exteriores, o autor rejeita em bloco o formalismo do ensino e o das observâncias. Por isso sua intenção não é propor uma exegese, menos ainda uma doutrina elaborada, frutos de uma erudição pretensiosa, mas atestar humildemente sua experiência, destinada a ajudar outros a se conformarem a Cristo. Sem exigir do seu destinatário nenhuma performance intelectual, inútil, aliás, para pe-

netrar os mistérios divinos, apela muito mais para a inteligência do coração, convidando-o a meditar sobre o ensinamento de Cristo e a considerar o exemplo dos santos. Nascido da prática de exercícios de meditação sobre a Sagrada Escritura e a vida dos Padres do deserto, o texto introduz o indivíduo, seja quem for, numa relação de proximidade íntima, afetiva até, com Cristo, contanto que aceite libertar-se dos entraves constituídos pelo amor-próprio, do apego aos bens materiais ou da arrogância intelectual, e que cultive, em contrapartida, a humildade, a compunção do coração e a simplicidade. Ao mesmo tempo que propõe a seu dirigido uma ascese exigente mas acessível, eleva-o da consideração da sua própria miséria ao encontro do Deus de amor e à recepção da sua graça santificante, pelos caminhos da interioridade e da purificação. O conhecimento de si abre-se, desse modo, para o conhecimento de Deus.

Nenhum plano preciso organiza esses livros que, longe de propor uma antologia de citações tradicionais, as integram numa releitura pessoal, posta a serviço de uma direção espiritual. Tem sido possível, portanto, seja extrair trechos deles para aprofundá-los, seja lê-los em sequência, para fruir o desenvolvimento geral. Não se trata, entretanto, de um caminhar progressivo rumo à perfeição, mas de exortações a um trabalho interior sempre a retomar.

O primeiro livro reúne "Avisos úteis para a vida espiritual". O leitor é estimulado a se libertar das ilusões do mundo exterior para se consagrar à busca do essencial, no mais recôndito do seu ser. A alma, assim libertada, poderá reatar com sua mais nobre propensão: tender a Deus. O caminho mais seguro de chegar a isso: o que Cristo seguiu e que leva o homem a viver de acordo com o Evangelho e, portanto, a cultivar o amor a Deus e a renúncia a si mesmo. Árduo será o caminho rumo à virtude, mas numerosos os frutos colhidos. As referências a um contexto conventual destinam essas páginas prioritariamente aos religiosos, sem excluir os leigos, também convocados a uma conversão interior.

Na segunda coletânea, o homem é posto em contato íntimo com Cristo. Capaz de se elevar para alcançar o repouso em Deus,

ele é, em razão da sua natureza pecadora, confrontado com essa rude tarefa. A graça de Cristo pode ajudá-lo a suportar contradições e humilhações, ou mesmo a ir ao encontro dos sofrimentos. Para recebê-la, o homem deve pôr-se em plena confiança nas mãos de Deus, sem contar com seus próprios recursos.

O discurso meditativo cede lugar em seguida ao diálogo afetivo “entre Cristo e a alma fiel”, exposta às provações de uma busca em que as delícias de efêmeros encontros com o divino se alternam com a dolorosa experiência dos limites da condição humana. Pede-se então ao homem que renuncie a toda e qualquer forma de desejo, abandonando-se totalmente à iniciativa divina.

A união tão buscada é obtida no quarto livro, “sobre a eucaristia”, na comunhão com o corpo de Cristo, que não é recebida em recompensa ao fim de um percurso, mas como adjuvante necessária à continuação do caminho.

Muito mais que uma exortação moral a viver imitando Cristo, os livros articulam-se em torno do tema da relação de amor que une o crente à pessoa de Jesus, que inaugurou o caminho que conduz a Deus. Somente ele poderá proporcionar a ajuda necessária. “Deixai, pois, Jesus entrar em vós, e só ele.” Uma só opção possível: renunciar às vanidades de um mundo corrompido e às vicissitudes da condição humana para seguir Jesus no caminho da cruz e responder por uma total entrega de si ao amor incommensurável de Cristo. Essa relação será repleta de consolos reconfortantes, mas também será percorrida por sentimentos de privação, que o cristão aprenderá a receber como outro dom divino. Esse estado de abandono e de acolhida nunca é inteiramente adquirido, mas deve ser buscado à custa de esforços contínuos, sem concessão às exigências da natureza humana, que somente a graça divina pode elevar.

Consagrando, durante muito tempo no Ocidente, a ruptura entre teologia e espiritualidade, esses textos encontram, desde a sua difusão por volta de 1425, as expectativas de um leitorado atraído por proposições simples que contava mais com a prática da humildade e do desprendimento do que com a especulação pura como método de santificação. Tendo permanecido anôni-

mos, não tardam a suscitar uma série de controvérsias a propósito da sua atribuição. À vista do seu sucesso, vários meios espirituais reivindicam sua paternidade. Alguns manuscritos pretendem que são de Jean Gerson († 1429), chanceler da universidade de Paris. Outros fazem sua origem remontar a Jean Gersen, beneditino italiano do século XIII.

Uma tradição mais comumente admitida os associa à pessoa de Thomas Hemerken († 1471), originário de Kempen, no arcebispado de Colônia. Durante seus estudos, esse homem frequentou os Irmãos da Vida Comum, que o fizeram conhecer o movimento espiritual implantado em Deventer por seu fundador, Gerard Grote († 1384). Reunidos em fraternidades de clérigos e de leigos, esses irmãos e irmãs agrupam-se em torno de projetos comuns: a busca de uma santificação pessoal pela prece, a meditação e a ascese, e a participação eficaz na edificação dos contemporâneos, cada qual conforme as suas possibilidades. Sua propensão ao isolamento não os separa do mundo: a acolhida dos pobres é primordial. Concedendo uma importância extrema à reprodução das obras de seus mestres, à composição e à difusão de obras de meditação centradas na Sagrada Escritura, estimulam oficinas de copistas e escolas, que logo se tornam atraentes e nas quais saber e espiritualidade mesclam-se sutilmente. Pregando uma religião interior, propõem a seus dirigidos um programa de vida devota com “discrição”, uma *Devotio moderna* sem excessos, ao alcance de todos, nos antípodas de uma teologia mística ou especulativa, reservada às elites. Privilegiam os temas da vanidade do mundo e do amor a Cristo e gabam as virtudes da humildade, da obediência e da renúncia. Sua moderação se manifesta também em sua liturgia, simplificada, e em suas práticas ascéticas, acessíveis.

O destino deles é rapidamente associado à história da congregação dos cónegos de Windesheim, aprovada em 1395 e centro de verdadeira reforma da vida religiosa. Thomas dito *a Kempis** faz profissão de fé em 1407. Autor de numerosos tratados, ser-

* Ou Tomás de Kempis. (N. do T.)

mões e biografias espirituais, inclusive a de Gerard Grote, tem atribuída a ele, muito depois da sua morte, a paternidade dos textos da *Imitação*, favoravelmente acolhidos nesses meios religiosos em expansão que lhes garantem uma ampla difusão desde o último quartel do século XV. O texto terá uma audiência considerável, tanto nos meios conventuais como leigos, e servirá de crisol espiritual para diversas correntes de reforma na Igreja. Ganhando em particular a simpatia dos círculos femininos, que nele encontrarão o reconforto de um possível acesso a Deus, sem outra mediação que a de Cristo, *A imitação* será, como todos os grandes textos, objeto de múltiplas releituras para se encontrar desde então associada a movimentos espirituais extremamente diversificados, tanto católicos quanto protestantes.

MARIE-ÉLISABETH HENNEAU